

A experiência afro-brasileira

Gilberto Freyre

As jovens repúblicas da África e do Oriente, como a outras nações novas, pode ser útil a experiência de um Brasil há mais de um século independente e há quatro séculos em desenvolvimento - primeiro pré-nacional, depois nacional - como civilização à procura de suas próprias formas de expressão dentro de uma ecologia tropical e sem repúdio aos valores europeus ligados incisivamente à sua base nacional. E já com uma arquitetura, com uma música, com uma pintura, com uma culinária, com um cristianismo, com um estilo de convivência, com uma higiene, com um futebol - futebol mais brasileiro dionisíaco que britanicamente apolíneo -, com um samba, em que se exprime, sob esses vários aspectos, um novo tipo de civilização. Novo, sobretudo, por ser mestiço, senão sempre nos sangue, nas interpenetrações de cultura.

O culto da Virgem Maria que o diga, com suas assimilações do africano, de Iemanjá. Há, no Brasil. Nossas Senhoras, para os seus devotos, negras como a do Rosário ou pardas escuras como a de Guadalupe; e às quais se fazem promessas através de exvotos que se constituíram, no Brasil, numa arte rústica de escultura em madeira e em barro, em sua maior parte muito mais africana do que europeia no seu modo de ser brasileira. Essas promessas também envolvem, na sua sacralização de cores, significados simbólicos dessas cores, que serão, vários deles, mais africanos em suas implicações do que europeus. Ou do que ortodoxamente cristãos.

Para os devotos brasileiros as influências africanas na sua religiosidade cristã não des cristianizaram ou degradaram seu cristianismo. As infiltrações africanas na religião, assim como na culinária, na música, na escultura, na pintura de origem europeia, representam não uma de-

gradação desses valores, mas um enriquecimento.

A tropicalização que a língua portuguesa vem sofrendo no Brasil - tropicalização e, em parte, deseuropeização - resulta principalmente de infiltrações africanas. Só secundariamente das ameríndias. E essas infiltrações africanas na língua portuguesa do Brasil vêm se projetando no desenvolvimento de uma língua literária que já não é uma sublíngua literária com relação à consagrada como academicamente castiça pelos puristas portugueses mais intransigentes. Nela cada dia se afirmam com mais desenvoltura extra-acadêmica ritmos novos ao lado de expressões novas. E esses ritmos e essas expressões - quer na sua musicalidade, quer na sua expressividade - estão marcados pelo que há neles de origem africana e até há algum tempo estavam limitados à chamada boca do povo.

Da presença africana na música brasileira - presença que se constituiu numa influência tão atuante - já muito se tem dito. Mais do que de qualquer outra influência africana sobre expressões brasileiras de sensibilidade e de arte. Não se faz sentir apenas sobre a música popular mas sobre a erudita em alguns dos seus mais altos aspectos. Sobre Heitor Villa-Lobos sugestões ou inspirações musicais africanas se projetaram, ao lado daquelas ameríndias por ele tão valorizadas como germinalmente brasileiras, nas suas criações.

É por afinidades psicoculturais que o Brasil e a África apresentam semelhanças em várias expressões de cultura que as caracterizam. Isto sem nos esquecermos de que vem favorecendo essas semelhanças, além de experiências históricas, tanto de brasileiros como de africanos, sua comum ecologia; a tropical. São, uns e outros, gentes situadas em áreas tropicais hoje sob impactos modernizantes.



Ívano, atração da I Noite Afro- Brasileira, amanhã, em Olinda

NOITE AFRO

Uma festa que tem tudo para ser bonita, alegre, fascinante e animada: amanhã, no Centro de Arte Popular de Olinda, uma noite com muito axé, a **I Noite Afro Olindense**, reunindo vários grupos da terra e o cantor e compositor Ívano e Valdir Fernandes, acompanhados da Banda Rebeldia. Os produtores, Socorro Malta e Djalma Albuquerque garantem o melhor em termos de bebidas e comidas típicas. O objetivo da festa é promover e divulgar o trabalho dos artistas que se dedicam ao ritmo afro-brasileiro. Reserva de mesas e compra de ingressos na Livro Sete e no Centro de Arte Popular de Olinda.

Troça presta homenagem à carnavalesca Badia

Badia, a mais conhecida carnavalesca do bairro de São José, estará mais uma vez, na noite de 5ª feira da semana pré-carnavalesca, à frente da Troça Carnavalesca Mista Coroas de São José, integrada pelos mais conhecidos foliões daquele bairro.

A agremiação já está com o seu novo frevo, composto por "Totonho da Mocidade", no qual é prestada homenagem a Badia. Diz a letra: "Vou ver Badia sorrir/ Vou ver Badia cantar/ Vamos com ela brincar". Os diretores da agremiação prometem um desfile animado, pois mais de 100 foliões já confirmaram sua participação.

Como todas as agremiações carnavalescas do Recife, as "coroas" vêm tendo problemas para obter os meios necessários para ultimar os preparativos, mas o entusiasmo dos componentes e da diretoria está superando todos os obstáculos. No próximo domingo, eles vão promover um bingo, na sede localizada na Rua Vidal de Negreiros, 143, com aquele objetivo.

MARACATUCÁ LATINO

O percussionista Israel Semente apresenta, hoje, às 20 horas, no auditório do DCE (Rua do Hospício), o show “Maracatucá latino”, com a participação de Erasto Vasconcelos, Décio Rocha, Pedro Índio e Ivan Moraes. Israel Semente começou sua carreira em 1973, com a maior banda de rock do Nordeste, o “Ave Sangria”. Nesse mesmo ano, gravou com Alceu Valença e Geraldo Azevedo. Brilhou no Festival Abertura, com Alceu, que ganhou o prêmio, com o melhor arranjo. Participou do MPB Shell com o Quinteto Violado. Fez dois discos, um com Zé Ramalho e outro com Kátia de França, além de participar de um terceiro, o de Lula Cortes. É precursor do “Maracatu atômico”. O show tem produção de Carlos Moraes.

